



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

DE NOVA FRIBURGO AO CATETE: AS REAPROPRIAÇÕES MONÁRQUICAS NA  
DECORAÇÃO INTERNA DA NOVA CASA DA REPÚBLICA BRASILEIRA

Isabella do Amaral mendes

isabellamend@gmail.com

Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Programa de Pós-Graduação em História Social

PPGHIS/UFRJ

Brasil



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### RESUMEN

O presente artigo enseja apresentar uma investigação acerca da decoração interna do Palácio Nova Friburgo, atualmente conhecido como Palácio do Catete, onde funciona desde 1960 o Museu da República. Antiga residência do barão de Nova Friburgo - quarta maior fortuna do Império -, o palácio foi transformado em sede do poder executivo e residência oficial da presidência da República brasileira em 1896, durante o mandato de Prudente de Moraes. Identificamos a possibilidade de, por meio da análise da decoração interna do palácio - pertencente ao acervo desta instituição museológica - discutir como se resolveu a disputa memorialística sobre o imaginário coletivo iniciada pelos republicanos à época da transição de governos. Os ambientes do palácio apresentam a permanência e reapropriação de quase todos os ornamentos escolhidos pelo barão de Nova Friburgo - representações contundentes de seu poder econômico e relevância social -, mas, simultaneamente, tentam passar a ideia de superação com o passado imperial a partir do acréscimo de símbolos republicanos confeccionados em estuque, compondo assim, uma relação paradoxal. Teremos como enfoque a reapropriação destes símbolos, a fim de problematizarmos a ocupação deste espaço remanescente dos tempos imperiais pelos republicanos. Além deste, trabalharemos com a construção do imaginário social e republicano, pois concordamos com o pressuposto de que a aceitação ou rejeição dos símbolos propostos pelo novo governo é capaz de dar insumos para compreendermos as raízes republicanas pré-existentes na sociedade brasileira.

### ABSTRACT

This article presents an investigation about the internal decoration of the Palace Nova Friburgo, now known as Palácio do Catete, where the Museum of the Republic has been operating since 1960. Former residence of the Baron of Nova Friburgo, the fourth largest fortune of the Empire, the palace was transformed into the seat of the executive power and official residence of the presidency of the Brazilian Republic in 1896, during the mandate of Prudente de Moraes. We have identified the possibility of analyzing the internal decoration of the palace - which belongs to the collection of this museum - to discuss how the memorialist dispute about the collective imaginary initiated by the republicans at the time of the transition of governments was resolved. The palace environments present the reappropriation of almost all the ornaments chosen by the Baron of Nova Friburgo - strong representations of their economic power and social relevance - but at the same time try to pass the idea of overcoming with the imperial past from the addition of republican symbols made of stucco, thus composing a paradoxical relation. We will focus on the reappropriation of these symbols, in order to problematize the occupation of this space of imperial times by the republicans. Besides this, we will work with the construction of the social and republican imaginary, since we agree with the assumption that the acceptance or rejection of the symbols proposed by the new government is able to provide inputs to understand the pre-existing republican roots in Brazilian society.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### Palabras clave

República, Reapropriação, Monarquia

### Keywords

Republic, Reappropriation, Monarchy



*Figura 1(à esquerda): A esfera armilar, símbolo do Império Brasileiro, confeccionado em bronze e aplicado ao topo da escadaria principal do palácio Nova Friburgo. Figura 2 (à direita), as Armas Republicanas, confeccionadas em estuque de gesso em alto relevo, aplicadas na soleira da porta de um dos salões do palácio. A decoração deste salão é original da época do barão de Nova Friburgo.*



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

## I. Introdução/Introducción

Esta pesquisa de mestrado tem como objeto a decoração interna do Palácio Nova Friburgo, construído<sup>1</sup> entre os anos de 1858 e 1867, em bairro nobre carioca conhecido por Catete, para ser a residência do português Antonio Clemente Pinto, o barão de Nova Friburgo, um dos mais prósperos e ricos fazendeiros do Império brasileiro. O palácio tornou-se símbolo de luxo, riqueza e poder para a corte brasileira de meados do século XIX, período marcado pela substituição dos antigos



Palácio Nova Friburgo, 1897. Foto: Marc Ferrez.

sobrados coloniais por palacetes urbanos. Neste período, a elite agrária da corte – enriquecida devido ao ápice das exportações de café - passou a adotar costumes tipicamente franceses. O padrão de civilização considerado ideal era aquele oriundo da Europa, e então, almejando adquirir a *civilité*, novas exigências de higiene, conforto e bem-estar teriam que ser aplicadas às residências. Segundo Marize Malta (2003, p.127), as paredes dos novos palacetes receberam novas coberturas com detalhes e texturas, os tetos foram recobertos com trabalhos delicados em estuque, arabescos, pinturas e a quantidade de móveis nos ambientes se multiplicou. Os novos interiores contribuíram para construir a imagem civilizatória do jovem império brasileiro a partir da ostentação. A importância para esta elite de estar cercada por grande variedade de obras de arte – e que estas representassem uma grande variedade de culturas e períodos históricos – satisfazia a necessidade de se transmitir uma imagem do proprietário da casa e da família como pessoas eruditas e cultas. O palacio Nova Friburgo é fruto desta modificação de costumes e, tamanha a sua majestade e riqueza de detalhes na decoração interna, acabou se destacando dos demais palacetes que surgiram nesta época e acabou por atizar a cobiça daqueles que tiveram o privilégio de frequentá-lo.

---

<sup>1</sup> Projeto elaborado e executado pelo arquiteto prussiano Gustav Whaeneldt.



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

Décadas mais tarde, após instituída a República brasileira<sup>2</sup>, o palácio foi comprado em 1896 pelo Banco da República para se tornar a sede e residência oficial da presidência. A reforma do palácio ficou sob a responsabilidade do arquiteto paraense Aarão Reis de Carvalho – famoso por ter sido um dos idealizadores do projeto de construção da capital de Minas Gerais, Belo Horizonte -, que, pouco se menciona, também era o diretor do Banco da República naquele momento. Aarão Reis de Carvalho procurou restaurar e preservar ao máximo o aspecto da decoração original do prédio - além de ter reutilizado o mobiliário adquirido pelo barão - apenas substituindo ornamentações quando fosse impossível executar sua restauração patrimonial (Almeida, 1994, p.45).

A problematização de nossa pesquisa explicita-se nesta reforma executada pelo engenheiro, pois observamos que em quase todas as salas do palácio, novos símbolos republicanos – elaborados e aplicados nos ambientes com a intenção de representar o novo governo - passaram a conviver em harmonia com todos os símbolos imperiais remanescentes desde a época do barão, oriundos de um tempo em que se havia a necessidade de representar e legitimar o Imperador e o baronato de Nova Friburgo. Foi possível perceber que a maioria dos símbolos do passado foi reapropriada e passou a compor a decoração interna da nova sede.

Esta pesquisa, ainda em curso, tem por objetivo investigar se os novos símbolos republicanos, aplicados nestes ambientes, foram idealizados por Aarão Reis de Carvalho, pois este engenheiro era reconhecidamente republicano e membro de uma geração fortemente influenciada pelo positivismo<sup>3</sup>. Os trabalhos devem se concluir em março de 2018, previsão para que a dissertação de mestrado seja defendida.

## II. Marco teórico/marco conceptual

Inicialmente, a propaganda republicana trouxe à tona, com o intuito de fortalecer seus argumentos políticos, a assertiva de que a República significava progresso, ao passo que a monarquia

---

<sup>2</sup> Proclamada em 15 de novembro de 1889.

<sup>3</sup> Aarão Reis de Carvalho foi aluno da Escola Central do Rio de Janeiro, que a partir de 1874 ficou conhecida por Escola Politécnica. Reis graduou-se em 1873 em Ciências Físicas e Matemáticas e, um ano depois, foi diplomado como Engenheiro Civil. Reis, enquanto estudante, atuou no cenário pré-republicano como um típico representante da geração de 1870, responsáveis pela fundação do Partido Republicano. Baseava-se em Tocqueville, Saint-Simon e Condorcet.



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

era considerada como atraso. A temporalidade desta construção é bastante simples: o presente é representado pela crise do regime monárquico, o futuro é orientado pelo desejo de progresso e desenvolvimento social e, finalmente, o passado é filtrado pelos interesses do presente, tornando-se objeto de sua constante crítica. A apropriação de tradições e a leitura seletiva do passado estão diretamente ligadas às intenções de um determinado presente. A geração de 1870<sup>4</sup> - mais conhecida como o Partido Republicano da Cidade do Rio de Janeiro - não elaborava seus projetos de futuro sem “inventar” um passado que os legitimasse. Nesse sentido, este grupo procurou reconstruir a história brasileira por meio do diálogo com o mundo político e cultural da época do Império, justamente a tradição com a qual, em teoria, desejavam superar.

Esta movimentação contraditória é explicada por Fernando Catroga a partir da relação entre republicanismo e historicismo,

[...] o republicanismo se baseou numa concepção evolucionista, ou melhor, foi, a seu modo, um historicismo que, herdeiro da tradição iluminista (Condorcet), entendeu o tempo numa perspectiva cumulativa, linear e irreversível, fazendo a perfectibilidade humana e a ideia de progresso aos seus verdadeiros suportes. (Catroga, 1991, p.195)

Justamente deste caráter historicista ocorre a necessidade de “refigurar” (Ricoeur, 2007) o passado, com o objetivo de demonstrar que o republicanismo tem uma tradição à qual se filiar. Esta movimentação é aquela que, acreditava-se, trazia a legitimidade do movimento republicano perante a sociedade:

Dessa forma, mantinha-se um diálogo com a tradição imperial, quer através de uma crítica mais ou menos radical a alguns de seus traços, quer com a preservação de outros, como o elitismo do Império, pois todos os grupos se colocavam contra uma reforma via revolução. (Fagundes, 2012, p.36)

A partir deste direcionamento interpretativo, o cenário simbólico e estético aplicado à decoração do palácio Nova Friburgo, a partir de 1896, dilui-se ao longo de sua exposição,

---

<sup>4</sup> Cisão do Partido Liberal que em 3 de novembro de 1870 formou o Partido Republicano, além de outros movimentos, como a mocidade da Escola Militar e da Faculdade de Direito da cidade do Rio de Janeiro. Movimento complexo e que não se restringia apenas ao Partido Republicano.



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

solidificando em “pedra e cal”<sup>5</sup> um belo exemplo dos valores republicanos elitistas, estabelecidos a partir da proclamação, e intensificados com o início do governo de Prudente de Moraes. Abre espaço também para, por meio das imagens encontradas nesta decoração, ser feita uma leitura das questões políticas daquele presente, afinal, o republicanismo construiu sua própria tradição ao incorporar elementos do passado monárquico - principalmente o seu elitismo – o que poderia ser uma explicação para a necessidade da manutenção desta decoração tão suntuosa em sua residência oficial.

A partir do trabalho de Luciana Fagundes (Fagundes, 2012), compreendemos que o passado não está dado, tampouco se caracteriza como categoria imóvel ou imutável; o passado, assim como o presente e o futuro, é uma construção transitória cujo sentido está em constante transformação, cabendo, assim, uma relativização no tempo. Narrativas sobre o passado são construídas como uma representação do presente; os indivíduos costumam lembrar de determinados acontecimentos por si só, entretanto, cada memória individual se constitui a partir ponto de vista que integra a memória coletiva. Filtros e seleções costumam ser utilizados quando nos remetemos à apropriação de uma determinada memória; estes recursos expressam as multiplicidades da lembrança e a capacidade que a coletividade tem de homogeneizar as representações individuais do passado, ou em outras palavras, acabam por construir uma visão comum do passado. Os “usos políticos do passado” (Fagundes, 2012, p.36) são expressões de memória coletiva, há uma vontade política por trás do uso de determinado passado; as reinterpretções, usos e sobrevivências do passado são incitadas pelas disputas do presente.

### III. Metodologia

O fenômeno iconográfico observado no interior do palácio Nova Friburgo abriu espaço para interpretarmos sobre uma nova apropriação dos símbolos, ornamentos decorativos e estética, legados da época do Império, pelos republicanos. Também trouxe à tona diversos questionamentos sobre o

---

<sup>5</sup> A expressão “pedra e cal” refere-se a um fato que perpassa as gerações da família Nova Friburgo e é afirmado pelo trineto do barão, o senhor Harold de Nova Friburgo. Segundo consta na biografia da família, durante a construção do palácio, um importante amigo do barão o chamou de “louco” por ter decidido investir tanto dinheiro e trabalho na construção de um imenso palácio em uma região tomada pelo mato e que dificilmente o retornaria algum lucro. A sábia resposta do barão teria sido “as minhas loucuras eu as faço de pedra e cal”.



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

caráter da instituição republicana no Brasil, tais como as peculiaridades de seu advento, e as reapropriações de diversos elementos estéticos e imagéticos do passado político do país. Esta discussão sobre o advento republicano será aprofundada apenas no primeiro semestre de 2018, pois antes é necessário desvendar mais detalhes acerca da reforma feita em 1896. No presente momento, a pesquisa está sistematizando os detalhes em relação à autoria da decisão de transferir a sede da presidência, anteriormente estabelecida no palácio do Itamaraty<sup>6</sup>, para o Catete, pois é uma equação ainda com incógnitas, principalmente em relação à motivação para tal. O personagem Aarão Reis de Carvalho e sua atuação na reforma do palácio não podem deixar de ser questionados, assim como os dados de sua biografia. Tomamos como eixo de investigação em nosso trabalho a possibilidade destes símbolos republicanos aplicados na decoração do palácio Nova Friburgo terem sido idealizados por Aarão Reis de Carvalho, já que se tratava de um engenheiro republicano e positivista. São respostas que, espera-se, serão alcançadas com o avançar da análise das fontes. As principais fontes utilizadas até agora são de jornais e revistas da época, além de ter sido possível acessar aos Anais da Câmara dos Deputados, onde foi localizada a sessão que aprovou a transferência de sedes do Itamaraty para o Catete em 1895.

#### **IV. Análise e discussão de dados/Análisis y discusión de datos**

A estreia de Prudente de Moraes – representante das oligarquias cafeeiras paulistas - na presidência da jovem República brasileira se deu em meio a grave crise econômica e grandes conflitos nacionais. Além destes, Prudente enfrentou um cenário político de grande oposição à sua figura. Isabel Lustosa (Lustosa, 1989) afirma que Prudente, ao organizar seu novo ministério, procurou fazê-lo de forma a estabelecer uma relação de conciliação com estes setores e, inclusive, na pessoa de seu vice-presidente, Manuel Vitorino<sup>7</sup>, ele encontrou um ardiloso opositor também. Durante todo o

---

<sup>6</sup> Após a proclamação da República, em novembro de 1889, o governo provisório, encabeçado pelo Marechal Deodoro da Fonseca, adquiriu o palácio do Itamaraty, localizado no centro da capital, para servir como a nova sede e residência do poder executivo. Inicialmente, foi cogitada a possibilidade de estabelecerem o Paço Imperial, antiga residência dos Imperadores brasileiros, como sede, porém, esta escolha poderia ser problemática porque o edifício era impregnado de tradição monárquica aos olhos do povo.

<sup>7</sup> (1853-1902) Político bahiano, filho de família portuguesa. Em sua carreira política: senador, governador da Bahia, vice-presidente e, por quatro meses, presidente interino da República.



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

mandato, o relacionamento entre Prudente de Moraes e Manuel Vitorino foi constantemente tenso. Esta tensão ganhou novas nuances após Prudente se licenciar do cargo, em novembro de 1896, por motivos de saúde, sendo substituído interinamente por Manuel Vitorino.

É corrente na historiografia encontrarmos a afirmação de que, durante o período de interinidade, Vitorino planejou tomar o poder, então, procurou fazer com que seu período de governo fosse capaz de defini-lo como legítimo senhor do cargo, “remodelou o ministério e transferiu a presidência, a 24 de fevereiro de 1897, do Itamaraty, para o Palácio do Catete”(Lustosa, 1989, p.20). Apesar de Manuel Vitorino ter estado à frente da inauguração do palácio do Catete como sede do governo republicano, as discussões acerca da transferência se iniciaram dois anos antes, mais especificamente em 28 de agosto de 1895, e foi possível identificar o deputado José Carlos Carvalho<sup>8</sup> como o autor desta proposta. Não é raro encontrarmos menções que também atribuem a Manuel Vitorino a autoria da aquisição do palácio.

Entretanto, segundo consta nos “*Annaes da Câmara dos Deputados do Rio de Janeiro*”<sup>9</sup>, em 1895, por ocasião da discussão do orçamento da despesa do Ministério da Fazenda para o ano de 1896, o Deputado José Carlos Carvalho apresentou uma emenda, remetida à Comissão de Orçamento e aprovada por unanimidade, na qual pedia autorização para que o governo comprasse o palácio Nova Friburgo e ali estabelecesse a nova residência e sede da presidência da República. Segundo a argumentação do deputado, as repartições públicas do Rio de Janeiro ocupavam prédios alugados, muitos deles julgados como inadequados para esta função, então, seria vantajoso para o governo, obter pelo Banco da República – a partir de seu crédito – novos prédios e terrenos. Para além desta justificativa,

O Itamaraty, ao meu ver, não é casa que se deva dar ao chefe da nação para morada. É um casarão, dizem, mas sem conforto algum, sem distinção: imprestável para morada de família. Não terei dúvida em oferecer uma indicação no orçamento da Fazenda, para que

---

<sup>8</sup> José Carlos Carvalho nasceu no Rio de Janeiro, em setembro de 1847. Matriculou-se na Escola da Marinha em 1864 e, ainda como aspirante, serviu na Guerra do Paraguai até 1866, quando deixou o campo de batalha para concluir sua formação. Retirou-se da Marinha em 1880 e passou a exercer a carreira de engenheiro, se tornando sócio do Clube de Engenharia e funcionário do escritório Hugo Wilson & Son, empreiteira responsável por realizar obras públicas no Brasil. Também se dedicou à carreira jornalística, sendo colaborador dos periódicos *Gazeta de Notícias* e *O Paiz*. Em 1894 foi eleito Deputado Federal pelo Distrito Federal.

<sup>9</sup> *Annaes da Câmara dos Deputados*, 17 de agosto de 1895.



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

se faça a aquisição do palácio Friburgo para residência do presidente da República e o aproveitamento do Itamaraty para qualquer repartição pública que careça mudar de casa (Carvalho, 1895, p.170)

A proposta de emenda foi convertida em lei<sup>10</sup> na qual dispõe o seguinte: “É o governo autorizado a receber do Banco da República, por conta do débito deste para com o Tesouro, prédios sítios no Distrito Federal, que forem julgados precisos para a instalação de serviços públicos”. Foi então que, por intermédio do Banco da República, o palácio Nova Friburgo foi comprado pela quantia de 3.000 contos de réis em 18 de abril de 1896, data em que foi lavrada a escritura de transmissão do imóvel ao Patrimônio da União.

## V. Conclusões/ Conclusiones

Em caráter preliminar, é possível afirmar que o palácio Nova Friburgo não pode ser entendido como apenas um belo exemplo arquitetônico, mas sim como mais um indício demonstrativo das aspirações e práticas elitistas das oligarquias republicanas, que até hoje, mais de um século depois, ainda estão em plena evidência em meio ao cenário político do Brasil. Este suntuoso palácio, que outrora serviu para demarcar todo o poder econômico do barão de Nova Friburgo, era constantemente comparado a um trono, símbolo máximo do poder centrado em um indivíduo: “Cá pela capital tivemos uma verdadeira surpresa em Quarta-feira de Cinzas: a inesperada volta do Sr. Prudente ao trono – digo, ao Palácio do governo”(Lustosa,1989,p.21). Algumas fontes nos mostraram, inclusive, que havia resistência à ostentação que as oligarquias republicanas praticavam, como foi possível observar em discurso do Deputado Cesar Zama<sup>11</sup>,

(...) tenho o direito (...) de perguntar ao presidente da República, com que autorização legal e em nome de que necessidade urgente, quando o país jaz na miséria, quando o povo estrebucha de fome, quando os gêneros de primeira necessidade estão tão alto e custam tão caro, quando se faz pomposa exibição de um programa de economia a todo o transe, com que direito S. Ex. tirou 3.000:000\$ do Tesouro para comprar o palácio Nova Friburgo (...)

<sup>10</sup> Art. 8, n.6, da lei n.360, de 30 de dezembro de 1895.

<sup>11</sup> Deputado Federal pela Bahia, compondo o quadro oposicionista ao governo de Prudente de Moraes. Zama era conhecido por constantemente denunciar os altos gastos do governo com medidas que prejudicavam a população brasileira.



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

Senhores, a democracia não é isto, é um governo barato, de simplicidade, sem luxo (...) estamos com um governo democrático, dez vezes mais caro que o Imperial! (Zama, 1896, p.168)

Outro indício para esta interpretação acerca da reapropriação do elitismo do Império como estratégia de legitimação do governo republicano pode ser encontrado na obra “*Alegoria República*”. Encomendada por Prudente de Morais, *Alegoria da República* foi pintada em Paris pelo artista baiano Manuel Lopes Rodrigues em 1896. Nesta obra, podemos perceber que a figura da Marianne – personificação da República - foi representada sentada em um trono; ao mesmo tempo em que veste branco, a cor da paz, e apresenta expressão facial serena; sua mão direita repousa sob uma espada, símbolo de força, dando a impressão de poder usá-la caso seja necessário.

Há dois elementos que remetem ao passado monárquico nesta alegoria republicana: o trono e o manto sob os ombros da Marianne. Normalmente, os mantos reais eram confeccionados em veludo, material não representado pelo artista neste exemplo, porém, o trono não foge à insígnia de representação da realeza, principalmente este, que apresenta a figura da serpe<sup>12</sup> em seu apoio, o principal símbolo da dinastia dos Bragança. Visto sob este ponto de



MANUEL LOPES RODRIGUES (1861-1917): *Alegoria da República*, 1896.  
Óleo sobre tela, 230 x 120 cm.  
Salvador, Museu de Arte da Bahia.

vista, a República estaria sentada no trono ocupado outrora pela monarquia, assumindo o seu próprio lugar de direito e prestígio.

No campo das artes visuais, a representação de ideias está diretamente ligada a um vínculo entre o artista e o observador da obra. A pintura, enquanto representação da República, não está inscrita em nenhuma finalidade didática, sendo neste sentido em que reside sua força enquanto veiculadora do campo simbólico: ela carrega significados que foram construídos socialmente e historicamente, passando a fazer parte do senso comum e do imaginário coletivo.

<sup>12</sup> A serpe é um réptil alado, semelhante a um dragão e muito presente na heráldica medieval – a figura apresenta duas patas dianteiras e, no lugar das traseiras, apresenta asas, sendo um híbrido entre dragão e ave.



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

Em suma, a *Alegoria da República* é a imagem que o regime republicano de 1896 fez de si próprio, uma espécie de autorretrato de suas aspirações políticas, uma metáfora de sua atuação. Entretanto, o quadro de Manuel Rodrigues não obteve o alcance esperado de uma obra de arte que se destinava ao público, desta forma, não produziu legitimidade social. As imagens só conseguem ser lidas em determinada época, pois cada “agora” determina sua própria cognoscibilidade.

O palácio Nova Friburgo, ao longo de mais de meio século, foi palco dos principais acontecimentos políticos de nossa República, tendo abrigado em suas dependências mais de dezoito presidentes do país. Também foi testemunha de grandes articulações políticas e econômicas, além de ter sido palco de diversas manifestações cívicas trabalhistas e nacionalistas. O fato do palácio ter sido construído à beira da rua do Catete ao invés da beira do mar – há uma lenda que explica esta solução como desejo da baronesa do Nova Friburgo, mas sem comprovação documental – facilitou a interação da população com a vida política republicana, ainda que tenha causado alguns embaraços<sup>13</sup> aos presidentes. Desde 1960, enquanto Museu da República, apresenta a seus visitantes a representação mais sofisticada desta herança histórica da aristocracia cafeicultora do Império brasileiro. O luxo e exuberância decorativa de seus três pavimentos despertam o encantamento dos visitantes que percorrem diariamente suas salas de exposição, tornando-se inegável a importância deste acervo e desta decoração interna para a cultura brasileira.

## VI. Bibliografia

- ALMEIDA, Cícero Antônio F. de. *Catete: Memórias de um Palácio*. Rio de Janeiro: Museu da República, 1994.
- CATROGA, Fernando. *O Republicanismo em Portugal. Da formação ao 5 de outubro de 1910*. V. II. Coimbra: Faculdade de Letras, 1991.
- FAGUNDES, Luciana Pessanha. *Do Exílio ao Panteão: D. Pedro II e seu reinado sob o (s) olhar (es) republicano (s)*. [Tese de Doutorado em História, Política e Bens Culturais]; Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2012.

---

<sup>13</sup> Prudente de Moraes sofreu um atentado contra sua vida, facilitado pelo fato da janela dos aposentos presidenciais, à época, ser voltada para o lado da rua. De acordo com Isabel Lustosa, a ideia dos assassinos era alvejar o presidente pela manhã, quando este se postasse à janela do palacete para fumar um cigarro.



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

LUSTOSA, Isabel. *História de presidentes A República no Catete*. Rio de Janeiro: Editora Vozes Fundação Casa de Rui Barbosa, 1989.

MALTA, Marize. Arte doméstica: modos de morar em fins do século XIX no Rio de Janeiro e a Casa de Rui Barbosa. In: MALTA, Marize; MENDONÇA, Isabel (Orgs.). *Casas senhoriais Rio-Lisboa e seus interiores*. Rio de Janeiro: PPGAV- EBA/UFRJ, 2013.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2007.